

DA MENARCA AO DEBATE SOBRE GÊNERO: A EDUCAÇÃO DO CORPO FEMININO NA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Carmen Lúcia Soares

Resumo: O propósito deste artigo é analisar os vestígios de uma educação do corpo feminino nas páginas da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), principal veículo de divulgação de trabalhos de pesquisa de uma instituição científica do campo da Educação Física e Esporte denominada Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Cabe salientar que tanto o CBCE quanto a RBCE nasceram na década de 1970, período marcante para os estudos de gênero e de participação feminina na vida pública. Entretanto, uma discussão mais densa sobre essas problemáticas neste campo somente serão encontradas nas páginas da Revista na década de 1990.

Palavras-chave: corpo e gênero; corpo e educação física; gênero e RBCE.

Introdução

Em 1949, Simone de Beauvoir afirma que ser mulher é o resultado de uma educação, em outras palavras, é a interiorização de uma cultura, formulação que foi se tornando uma evidência no campo das ciências sociais. Nesse sentido é que podemos pensar em uma educação corporal feminina e outra masculina, vivida cotidianamente e da qual a Educação Física e o Esporte participam em suas singularidades.

A instituição esportiva e mesmo a Educação Física podem ser compreendidas como cidadela masculina, como arena masculina, lugares em que se perpetuam hierarquias de gênero.¹ São múltiplos os fatores que desenham essas hierarquias: desigualdades sociais e econômicas dos indivíduos determinadas pelo sexo, pressão médica, científica, religiosa e política. É na sutileza dessas hierarquias que se cons-

¹ Para esse trabalho, utilizei largamente os quatro volumes coordenados por Thierry Terret e colaboradores denominados *Sport et Genre* (2005). Os volumes citados no presente artigo aparecem com a referência completa na bibliografia.

troem os elementos centrais de uma educação do corpo feminino que vai valorizar a imobilidade, a conformidade, a sedução e a intimidade, e, outra, para o corpo masculino, que vai valorizar a ação, o progresso, a virilidade e a visibilidade. E é claro que a Educação Física e o Esporte não escapam a esses modelos dominantes, eles os constituem.

Contudo, é sempre importante lembrar das resistências e dos poderes inerentes a essas hierarquias o que nos permite enxergar embates e conquistas femininas mesmo nesse campo e apesar das tantas interdições. Este artigo, contudo, não tem qualquer pretensão de escrever uma história das relações entre a mulher e o esporte ou mesmo das relações entre a mulher e a Educação Física. Seu propósito é analisar os vestígios de uma educação do corpo feminino nas páginas da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (RBCE). Essa revista é o principal veículo de divulgação de trabalhos de pesquisa de uma instituição científica do campo da Educação Física e Esporte denominada Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).² Tanto o CBCE quanto a RBCE nascem na década de 1970, período marcante para os estudos de gênero e de participação feminina na vida pública.³

Para sua realização foram consultados todos os números da RBCE publicados desde seu surgimento em 1979. Cabe destacar, ainda, que, até o ano de 1999, os Anais dos Congressos⁴ bi-anuais realizados pelo CBCE constituíam um número especial da RBCE. Desse modo, os Anais até o ano de 1999 também foram por nós considerados.

A visibilidade feminina na direção do CBCE: estereótipos de gênero?

Em suas quase três décadas de existência, o CBCE pode ser considerado lugar possível da memória e das muitas histórias da Educação Física e, em particular, da emergência e visibilidade de uma educação do corpo feminino, uma vez que em seu interior foi possível configurar novos problemas, objetos e abordagens de pesquisa tomando como referência as ciências humanas, a educação e a arte. Poderíamos mesmo pensar que houve, ao longo destes 28 anos de sua existência, uma feminização deste campo e mesmo da gestão da entidade. Tornar as relações de gênero e o

² O CBCE foi criado no ano de 1978 com fortes influências de profissionais ligados à área médica. No ano de 1985, sua diretoria tem, pela primeira vez, profissionais de Educação Física em sua presidência, profissionais que iniciam uma transformação na instituição, permitindo a aproximação com os referenciais do campo das Ciências Humanas e da Educação e, deste modo, configurando novos problemas, abordagens e objetos de estudos, ampliando significativamente seu campo de atuação. Para uma compreensão abrangente desta instituição, ver especialmente o livro de Paiva (1994).

³ Para um estudo mais detalhado de todos os artigos sobre temáticas concernentes às relações de gênero presentes na RBCE e nos Anais dos CONBRACES consultar Karuka (2005).

⁴ Esses Congressos são denominados de Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACE) e sua última versão, de número XIV, ocorreu no ano de 2005, na cidade de Porto Alegre.

corpo feminino como objetos de pesquisa e de publicações no campo da Educação Física no Brasil foi parte de um lento processo de construção de novos sentidos no interior da entidade e de conquistas das mulheres, também, neste campo. E a escolha de um objeto de estudo não é jamais inocente, bem ao contrário, é fruto de uma inserção em um dado universo intelectual, político e, sobretudo, de inspiração do tempo presente.⁵

Em sua história tão recente,⁶ o CBCE⁷ veio se constituindo num dos primeiros lugares de debates acerca da desnaturalização da Educação Física e do Esporte permitindo, assim, compreender como um mesmo objeto se vai transformando e se mostrando múltiplo; como novos objetos, problemas, abordagens e interpretações se vão afirmando como legítimos ao lado do que estava consagrado como único e como este movimento, permeado por crises e tensões, redesenha a própria existência desta instituição científica que, a partir da segunda metade dos anos de 1980, acentua em seu interior a presença feminina, sendo presidida três vezes por mulheres e tendo elas ocupado vários cargos na estrutura de sua diretoria.⁸ Nunca é demais lembrar que o campo da Educação Física e do Esporte é bastante misógino e o CBCE, num certo sentido, vai romper com esta "tradição" no Brasil dos anos de 1980.

No âmbito internacional, em estudo recente, Gertrud Pfister⁹ mostra a quase total ausência de mulheres em cargos de liderança nas organizações esportivas de países ocidentais como Alemanha, Dinamarca, Estados Unidos, Austrália e no Brasil não é diferente. As mulheres e as crianças do sexo feminino também estiveram ausentes e foram banidas dos campos esportivos até a Primeira Guerra Mundial, permanecendo como expectadoras dos grandes feitos dos atletas do sexo masculino. É evidente que sempre houve mulheres que romperam fronteiras em qualquer época, porém foram poucas, o que comprova sua exclusão como grupo humano.

A educação do corpo feminino pela prática de exercícios físicos e esportivos esteve, majoritariamente, voltada para o embelezamento das formas e a preparação

⁵ Ver, a esse respeito, Starobinsky (1988, p. 132).

⁶ Ver a respeito o excelente trabalho de Paiva (1993), posteriormente foi publicado na forma de livro com o seguinte título: *Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte* (1994). Neste trabalho, a pesquisadora registra a dificuldade que viveu para reunir documentos e fontes relativas ao CBCE como instituição. Há uma profusão de trabalhos sobre o CBCE e não é minha intenção, nos limites deste artigo, fazer um levantamento a este respeito.

⁷ Conforme as análises de Goellner, Melo e Paiva (1998, p. 73).

⁸ A primeira mulher a ocupar a presidência desta entidade foi o Profa. Dra. Celi Neusa Zulke Taffarel, no ano de 1987, sendo reconduzida ao cargo em votação disputadíssima no ano de 1989. Nesta época, Celi Taffarel era professora da UFPE e hoje é professora da UFBA. Outra mulher que ocupou a presidência da entidade foi a Profa. Dra. Ana Márcia Silva da UFSC. Em 1999, ela assume como vice-presidente, mas acaba concluindo o mandato do presidente licenciado e, no ano de 2003, é eleita presidente. O cargo de Direção Científica da entidade foi também ocupado muitas vezes por mulheres, assim como outras estruturas da entidade como as Secretarias Estaduais e as Coordenação dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs).

⁹ Ver Pfister (2003).

para o exercício da maternidade. Poucos/as pensadores/as deste campo produziram algo que rompesse esta visão, inclusive, ao longo do século XX.¹⁰

É neste contexto institucional que a RBCE é publicada ininterruptamente nos últimos 28 anos e em suas páginas desenham-se formas de educação do corpo feminino passíveis de serem lidas e analisadas em sua polissemia.

Vozes dissonantes acerca da educação do corpo feminino nas primeiras décadas do século XX

As mulheres tiveram pouca participação oficial nos Jogos Olímpicos até 1928. Contrariando a vontade do barão de Coubertin, idealizador das Olimpíadas Modernas, elas vão organizar os Jogos Olímpicos Femininos em 1922 e 1926. O barão, porta-voz de um modelo hiperconservador, alude a uma “ausência de estética” na prática de esporte feminino e coloca-se frontalmente contrário a esta participação.

A realização dos Jogos Olímpicos Femininos na década de 1920 foi mais uma expressão de quebra de fronteiras que as mulheres exerceram, sintonizadas com outras vozes neste mesmo período, vozes que forneciam outras representações das mulheres. Talvez um dos exemplos mais interessantes seja o romance *La Garçonne*, de Victor Margueritte (1922), que fornece uma visão completamente diferente da mulher para os padrões da época e que terá mais de um milhão de exemplares vendidos. Também a *Encyclopédie des sports* de 1924 (COLL, 1924)¹¹ produz inúmeras fotos de mulheres esportistas em atitudes bem menos “graciosas” e mais agressivas.

Um autor importante para este debate na França, mas que não teve qualquer repercussão no Brasil, foi Georges Hebert, militar da Marinha francesa que em 1919 publica o livro *L'éducation physique féminine: muscle et beauté plastique*, obra na qual propõe a igualdade de atividades corporais para homens e mulheres:

[...] Fisiologicamente as mulheres diferem dos homens somente no que concerne à função de reprodução. Mas do ponto de vista das aptidões físicas, os órgãos do movimento, sendo de uma mesma natureza entre os dois sexos, têm as mesmas necessidades de trabalho em quantidade, duração e qualidade. A igualdade é ali absoluta [...].

A experiência prova que tudo que o homem executa de mais duro, como trabalho ou exercício, é igualmente executado, um dia ou outro, e seguidamente à estupefação geral, por uma pessoa do sexo feminino. A guerra acaba de nos dar numerosos exemplos.

¹⁰ Goellner mostra claramente esta dimensão em sua tese de doutorado de 1999, *Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Física*, posteriormente publicada com o mesmo título em 2003.

¹¹ É comum, ainda nos dias de hoje, que as fotografias de atletas mulheres explore sempre seu lado “sensual” e de “beleza”. De uma maneira geral, as fotos de atletas mulheres mostram muito menos suas atitudes atléticas e performáticas e muito mais seus “atributos femininos”.

Como última prova de identidade física entre os dois sexos considere as crianças, meninos pequenos e meninas pequenas deixadas a si mesmas. É fácil de constatar que uns e outros se entregam aos mesmos gêneros de exercícios, de trabalho ou de jogos, que o fazem com o mesmo sucesso obtendo os mesmos resultados.

Mas [...] são os preconceitos que nos fazem considerar a mulher como um ser à parte, fisicamente inferior ao seu companheiro macho. É a educação que cria as diferenças de atitude física entre meninos e meninas, diferenças que se acentuam com a idade para tornarem-se, em seguida, irremediáveis. (HÉBERT, 1921, p. 40-41, tradução nossa)

Para a época em que escreveu, Hébert foi mesmo ousado e muito criticado por alguns e aclamado por outros! É possível inferir que as reflexões propostas por ele só começaram a ter espaço no campo da Educação Física brasileira, nos anos 1990, conforme podemos analisar tomando como referência a RBCE. Nas páginas da revista, vamos lentamente identificando como o corpo e suas múltiplas linguagens vão sendo desnaturalizados e vão-se transformando em objetos capazes de esclarecer um mundo.¹² Neste mesmo movimento, podemos também perceber como os corpos femininos e as relações de gênero ganham espaço e se fazem ouvir.

Instigante é perceber, por exemplo, o conteúdo dos artigos das primeiras revistas e dos trabalhos apresentados nos primeiros Conbraces, que tratavam das questões relativas às mulheres ou mesmo às crianças do sexo feminino. O conteúdo destes artigos e trabalhos apresentados é, basicamente, constituído por discussões em torno dos hormônios, da menarca e de suas conseqüências para as aulas de Educação Física e/ou para o treinamento esportivo de mulheres. Insistimos no tema da menarca, por ser este bastante emblemático da naturalização do corpo feminino e dos proveitos que se pode retirar de sua "natureza". Daí a grande quantidade de trabalhos sobre o tema e, sobretudo, sobre as muitas formas de retardar esta primeira menstruação para a obtenção de uma performance maior, de um rendimento maior de um corpo feminino, ainda infantil. Podemos tomar como exemplo, entre outros, as atletas de Ginástica Artística e Rítmica Desportiva, modalidades esportivas em que o corpo infantil deve prevalecer, daí o espaço alargado de estudos e pesquisas voltados ao desenvolvimento de inúmeros métodos tanto de retardamento da menarca, quanto de sua supressão. A natureza impõe problemas e limites que a ciência trata, muito rapidamente, de resolver, quando o assunto concerne a comparações de *performances*.

Seguindo as temáticas presentes na RBCE, vamos encontrar alguns artigos que tratavam do rendimento físico da mulher e/ou de comparações de força e resistência muscular e orgânica. Inúmeros trabalhos desta natureza continuam sendo feitos e, em grande medida, para afirmar a inferioridade física da mulher nas práticas esportivas como decorrente de causas "naturais".

¹² Ver, por exemplo, Vigarello (2003, p. 21-29).

É possível afirmar que no Brasil, no âmbito da Educação Física e Esporte, é somente a partir do fim da década de 1980 que passamos a encontrar outros enfoques de pesquisa, de discussão e outros discursos concernentes às mulheres esportistas ou em aulas de Educação Física. Relações de gênero e histórias dos corpos femininos no Brasil são alguns dos temas que começam a ganhar destaque nas páginas da RBCE e dos Anais dos Conbraces.

O adeus à menarca: uma outra educação do corpo feminino

Os temas oficiais¹³ dos Conbraces nunca tomaram as questões de *gênero* ou as *relações entre as mulheres e o esporte e mesmo a Educação Física* como tema central. Nos Anais destes congressos, bem como nas páginas da RBCE entre os anos de 1979 até 1984, os temas que se referem ao corpo feminino são os seguintes:

- I. "A importância da cirurgia plástica de mamas como profilaxia dos problemas da coluna vertebral e na motivação para a prática esportiva, 1979";
- II. "Impacto da menarca sobre valores de dobras cutâneas, 1979";
- III. "Atividade física durante a menstruação e gravidez, 1980";
- IV. "A menarca em esportistas brasileiras, 1982";
- V. "Idade da menarca em diferentes níveis de competição no basquetebol, 1983";
- VI. "Idade da menarca em escolares de Londrina, 1983";
- VII. "Perfil de jogadoras de handebol de alto nível, 1984";
- VIII. "A mulher e o esporte, 1979".

Conforme se pode verificar por estes títulos, sejam de artigos ou trabalhos apresentados nos Congressos, apenas um apresenta um título que não remete à natureza orgânica da mulher, e isso durante seis longos anos.

¹³ Os Conbraces tiveram os seguintes temas: I "A criança brasileira e a atividade física", São Caetano do Sul/SP, 1979; II "Esporte no Brasil", Londrina/PR, 1981; III "Treinamento esportivo", Guarulhos/SP, 1983; IV "As Ciências do Esporte na Nova República", Poços de Caldas/MG, 1985; V "A criança e o esporte no Brasil", Olinda/PE, 1987; VI "Esporte e mudança na América Latina", Brasília, 1989; VII "Produção e veiculação do conhecimento na educação física, esporte e lazer no Brasil: análise e perspectivas", 1991; VIII "Que ciência é esta? Memória e tendências", Belém/PA, 1993; IX "Interdisciplinaridade, ciência e pedagogia", Vitória/ES, 1995; X "Renovações, modismos e interesses", Goiânia/GO, 1997; XI "Educação Física/Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento", Florianópolis/SC, 1999; XII "Sociedade, ciência e ética: desafios para a Educação Física", Caxambu/MG. O penúltimo e o último, que não foram objeto de análise deste artigo, foram respectivamente o XIII, "25 anos de história: o percurso do CBCE na Educação Física Brasileira", realizado em Caxambu/MG, 2003, e o XIV, "Ciência para a vida", realizado em Porto Alegre, no ano de 2005.

A defasagem em relação à Europa, neste período, é imensa, pois lá o campo da Educação Física e do Esporte já apresentava inúmeras publicações que problematizavam o corpo feminino, a mulher no Esporte, nas aulas de Educação Física e, mesmo, o sexismo presente neste universo. A revista *Quel corps*, que circulou desde a década de 1970, é um bom exemplo disso.

Curioso é notar que o CBCE, em suas origens, embora tenha sido fortemente influenciado pela cultura da atividade física norte-americana, não sofreu qualquer influência e/ou abriu qualquer espaço até o fim dos anos 1980 para as questões de gênero e para as problematizações acerca do corpo feminino a partir dos referenciais das ciências humanas e do feminismo. Curioso, uma vez que é nos Estados Unidos que se iniciam os grandes debates em torno do feminismo e da própria conceitualização de gênero neste mesmo período. Neste sentido, o CBCE foi altamente “seletivo” em sua importação de idéias.

O segundo congresso do CBCE, realizado na cidade de Londrina, interior do Paraná, em 1981, e cujo tema foi “Esporte no Brasil”, apresenta um “detalhe” que passaria ao largo de leituras não feministas, detalhe, contudo, que revela violência extrema em relação às mulheres. Apoiado por uma empresa privada de material esportivo, a Adidas, aquele evento traz, na quarta capa de seus Anais,¹⁴ uma sofisticada imagem do corpo feminino feita em estúdio, “vestido” de “Adidas”, em que se vê uma jovem loura de lábios carnudos, supermaquiada, vestindo roupa esportiva de uma tenista com seu suéter semiaberto deixando ver parte de seus seios, um short muito curto, sendo que suas pernas também estão semi-abertas. Completa o “figurino” um boné da mesma marca que cobre parte de seu rosto, dando um toque bastante sensual à sua expressão facial. Não há qualquer menção a esforço para o jogo de tênis, e a posição corporal da pseudo-atleta não possui qualquer relação com a modalidade que, supostamente, exhibe o uniforme. É um corpo sensualizado e sexualizado, exibido como objeto publicitário para vender um uniforme esportivo, mas, poderia ser também para vender qualquer outro produto. Temos ali apenas mais um lugar em que o corpo feminino serve de suporte publicitário. Assim, podemos questionar, por exemplo, a sensibilidade daquela época, a naturalidade com que se tratou o corpo feminino que serviu de propaganda para vender um “uniforme esportivo” dessa marca e sua veiculação em uma revista científica, de responsabilidade de uma entidade científica.¹⁵

No que concerne aos estudos sobre o corpo feminino, as relações de gênero e pesquisas sobre mulheres no campo da Educação Física e dos Esportes, só vamos

¹⁴ Cabe lembrar que os Anais dos Congressos do CBCE constituíam sempre um número da RBCE.

¹⁵ Estudos sobre mulheres, sobre problemáticas específicas das mulheres e um forte movimento de mulheres surgem no Brasil neste período. Em 1975, dois jornais feministas são criados: *Brasil Mulher (1975-1980)* e *Nós Mulheres (1976-1978)*; os estudos de gênero, contudo, só se farão presentes no país a partir dos anos 1990; ver, a respeito, autores como Guacira Lopes Louro, Luzia Margareth Rago, entre outros. Na Educação Física, ver, por exemplo, o trabalho de Souza (1994), Goellner (1999) e Altmann (1998), entre outros trabalhos.

encontrar artigos na RBCE e trabalhos nos Conbraces, a partir da década de 1990. Vejamos os trabalhos encontrados:

RBCE, no v. 11, n. 2, set. 1990: "Estereótipos masculinos e femininos em profissionais de Educação física" (Elaine Romero);

RBCE, no v. 13, n. 3, maio, 1992: "Educação Física: reflexo das concepções dominantes sobre o controle do corpo feminino" (Eliane Pardo Chagas);

RBCE, no v. 14, n. 1, set. 1992: "Diferenças entre meninos e meninas quanto a estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação" (Elaine Romero);

RBCE, no v. 15, n. 1, set. 1993: a) "A Educação Física e a padronização de corpos femininos" (Helena Altmann); b) "Lazer da mulher camponesa: do vivido ao aspirado" (Elizara Carolina Marin); c) "A produção acadêmica brasileira sobre o gênero aplicado à Educação Física" (Estaquia Salvadora de Souza).

Contudo, é somente no ano de 1994 que um número especial da RBCE dedica-se inteiramente ao tema "Gênero". Trata-se do v. 15, n.3, maio de 1994. Relacionamos, a seguir, os títulos dos artigos publicados neste número especial:

- I. "A Educação Física a serviço da ideologia sexista" (Elaine Romero)
- II. "A mulher no esporte: espaço social das práticas esportivas e de produção do conhecimento científico" (Celi N. Z. Taffarel e Tereza França)
- III. "O gênero: confronto em aulas de Educação Física" (Maria do Carmo Kunz)
- IV. "A educação Física: escola de... Formação do corpo feminino" (Eliane Chagas)
- V. "O elogio à diferença: o avesso da segregação" (Silvana V. Goellner e Carmen L. Soares)
- VI. "O gênero e o movimento humano" (Fernando Luis Cardoso)

Talvez naquele momento tenhamos compreendido em profundidade algo já observado desde o século XVIII e que é alargado por Rousseau, ou seja, que "[...] a arte da educação é, de algum modo, a arte de substituir um corpo por outro" (VERDIER apud VIGARELLO, 2002, p. 22).

Poder-se-ia afirmar que a partir da década de 1990 tanto os Conbraces quanto a RBCE vão abrigar estudos de gênero ao lado dos temas clássicos já pesquisados, sem hierarquias e/ou preconceitos.

Outros corpos femininos e outras histórias para se contar nas páginas da RBCE

Não há dúvida de que restam ainda muitos estudos a serem feitos sobre essa temática no âmbito do CBCE e da RBCE, e este artigo apenas sugere a fertilidade do tema. As histórias e particularidades constroem-se de modos distintos, e a educação do corpo feminino guarda sua própria especificidade. Dada a visibilidade que as práticas esportivas e a Educação Física propiciam, sua participação nessa educação do corpo é sem dúvida marcante. São práticas reveladoras da

[...] maneira pela qual, no interior de uma mesma instituição, os indivíduos são levados a produzir signos cuja significação genericada é imediatamente percebida e descrita por aqueles e aquelas que os vêem ou deles se aproximam. O corpo esportivo, colocado em movimento ou imóvel, vestido ou nu, só ou submerso em um grupo, é um livro aberto em que a linguagem utilizada é conhecida de todos e de todas[...]. (ROGER; TERRET, 2005, p. 11, tradução nossa)

Certamente há muitos temas e problemas nesse conjunto de fontes e mesmo muito há ainda a construir a partir de nossa própria compreensão da densidade das fontes, da elaboração lenta e densa de cruzamentos de sentidos entre aquilo que se quer conhecer em um tempo que já não é mais o nosso, da tentativa de captar uma sensibilidade que também não é a nossa mesmo quando se escreve uma história de um tempo ainda próximo em que nós mesmas(os) vivemos.

Do que se depreende das fontes analisadas, é possível afirmar que a educação do corpo feminino pela Educação Física e o Esporte no período que marca o nascimento do CBCE até os anos de 1990 esteve fortemente vinculada às origens da instituição CBCE, ou seja, marcada pelas concepções próprias ao pensamento biomédico, pensamento que tende a naturalizar os fenômenos concernentes ao corpo e, particularmente, naturalizar os corpos femininos. Cabe, ainda, ressaltar a extrema especialização de discursos neste campo, como é o caso da medicina esportiva, entre outros, que tomam o corpo orgânico e suas performances, sempre com comparações entre o masculino e o feminino, como objetos privilegiados de investigação.¹⁶ O corpo feminino era uma potência biológica, desenraizada da cultura, e educá-lo era, basicamente, torná-lo eficaz em sua natureza e acentuar os atributos ligados a um determinado modelo de beleza feminina. A contracapa da RBCE – Conbrace, 1981, em que surge a mulher vestida de Adidas, pode ser lida como uma das tantas representações dessa potência biológica e sedutora.

¹⁶ Conforme afirmação de Le Breton (2004, p. 27), “[...] a maior parte dos sociólogos hoje vinculados a projetos que buscam compreender os jogos sociais e culturais dos corpos aderem, sem qualquer crítica, à teorização biomédica e vêem nela sua realidade objetiva[...]”.

Assim, surge a necessidade de não apenas tornar sempre mais complexos gestos e práticas que se constituem em objeto de estudo histórico para a Educação Física e Esportes, aparentemente simples e até banais, mas, ao mesmo tempo, desconfiar de nossos próprios esquemas representativos, ou seja, aqueles de homens e mulheres que pertencem à sociedade de hoje (VIGARELLO, 2003, p. 21-29).

Abstract: The main objective of this article is to analyze the remains of a woman body education in the pages of the Brazilian Magazine of Sports' Science (RBCE), that is the main vehicle for research publications of a scientific institution in the field of Physical Education and Sport called Brazilian School of Sports' Sciences (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE). It's important to say that both CBCE and RBCE were born in 1970, a very important moment for the gender studies and the participation of women in the public life. However, a dense discussion about the problematic in this field is only found in the decade of 1990.

Keywords: body and gender; body and physical education; gender and Brazilian Magazine of Sports' Sciences (RBCE).

Referências

- ALTMANN, Helena. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- ARIÈS, Philippe. *O tempo da história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. 5. ed. [S.l.]: Mira-Cintra, 1987.
- COLL. *Encyclopédie des sports*. t. 1. Paris: Larousse, 1924.
- ENCYCLOPÉDIE des sports. t. 1. Paris: Larousse, 1924.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; MELO, Victor Andrade de; PAIVA, Fernanda Simone. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte: bibliografia e perfil. Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, número especial - 20 anos do CBCE, set. 1998.
- HEBERT, Georges. *L'éducation physique féminine: muscle et beauté plastique*. 10. ed. Paris: Vuibert, 1921.
- KARUKA, Marina Kayoko. *A RBCE e os Anais dos CONBRACES: o gênero, o sexismo e a Educação Física em suas páginas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

36 Niterói, v. 7, n. 2, p. 27-38, 1. sem. 2007

- LE BRETON, David. *Que sais-je?: la sociologie du corps*. Paris: PUF, 2004.
- LINHALES, Meily A. *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)–FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.
- LIOTARD, Philippe; TERRET, Thierry. *Sport et genre: excellence feminine et masculinité hégémonique*. v. 2. Paris: l'Harmattan, 2005.
- MARGUERITTE, Victor. *La garçonne*. Paris: Flammarion, 1922.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- PAIVA, Fernanda Simone. *Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Vitória: CEFD, UFES, 1994.
- _____. *Educação Física/Ciências do Esporte: resgate e perspectiva na luta dos sentidos dentro do CBCE*. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1993.
- PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas: tendências mundiais. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 11-35, maio/ago. 2003.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, Número Especial-20 anos CBCE, set. 1998.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 1979.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte. Porto Alegre, n. 1, set. 1981. Suplemento.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 5, n. 1, set. 1983.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 7, n. 1, set. 1985.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 9, n. 1, set. 1987.
- REVISTA Brasileira de Ciências do esporte, Porto Alegre, v. 11, n. 1, set. 1989.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 13, n. 1, set. 1991.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 14, n. 3, set. 1993.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 15, n. 3, maio 1994.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 17, n. 1, set. 1995.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 19, n. 1, set. 1997.
- REVISTA Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 21, n. 1, set. 1999.
- ROGER, Anne; TERRET, Thierry. *Sport et genre: objets, arts et médias*. v. 4. Paris: l'Harmattan, 2005.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O prazer justificado: história e lazer (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero: CNPq, 1992.
- SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas, SP: Autores Associados: Ed. da UFSC, 2001.
- SOUZA, Eustáquia S. de. *Meninos à marcha, meninas à sombra: a história da Educação Física em Belo Horizonte – 1897-1994*. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.

STAROBINSKY, Jean. A literatura. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

TERRA, Vinícius Demarchi. *Pedaços do tempo, gestos partidos: memórias do corpo na fotografia de Etienne-Jules Marey*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

TERRET, Thierry. *Sport et genre: la conquête d'une citadelle masculine*. v. 1. Paris: Harmattan, 2005.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VIGARELLO, Gorges. *Le corps redressé: histoire d'un pouvoir pédagogique*. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. *Revista Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 14, n. 2, Dossiê "Visibilidade do Corpo", 2003.

_____. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris: Seuil, 2002a.

_____. Inocular para proteger: a inoculação da varíola e a imagem do corpo. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 25, dez. 2002b.